



INSERÇÃO NUMA ESCOLA DO CAMPO E OS ENTRELAÇAMENTOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA ESSA COMUNIDADE ESCOLAR?

Joice Amaral Padilha¹; Eliane Lima Piske²; Luciana Netto Dolci³

RESUMO

Este trabalho investiga a relação entre a variação linguística numa escola do campo atrelados com a Educação Ambiental. Tendo por objetivos compreender a variação linguística na escrita e na leitura das crianças e averiguar como o professor está desenvolvendo as práticas de oralidade em sala de aula. Para tanto, o estudo do meio de Lopes; Pontuschka (2009) foi a metodologia empregada para identificar a variação linguística presente no ambiente escolar. Como resultados, percebemos que não basta o acesso das crianças na escola é necessário possibilitar as múltiplas linguagens e a construção de novos significados, sempre partindo da realidade da comunidade ao integrar a interação comunicativa pelas variações linguísticas: ler, produzir, escrever e interpretar.

Palavras-chave: Variação linguística; Escola do Campo; Educação Ambiental.

INSERTION IN A RURAL SCHOOL AND THE ENTANGLEMENTS WITH ENVIRONMENTAL EDUCATION: WHAT IS LINGUISTIC VARIATION FOR THIS SCHOOL COMMUNITY?

ABSTRACT

This work investigates the relation between linguistic variation in a rural school linked to Environmental Education. Its objectives are to understand the linguistic variation in children's writing and reading and to find out how the teacher is developing the orality practices in the classroom. For this, the study of the environment Lopes; Pontuschka (2009) was the methodology used to identify the linguistic variation present in the school environment. As results, we realize that children's access to school is not enough, it is necessary to enable multiple languages and the construction of new meanings, always starting from the

1 Graduada em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande- FURG. E-mail: joice82padilha@gmail.com.

2 Mestre. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/PPGEA. Bolsista CAPES. E-mail: e.nanny@hotmail.com.

3 Doutora em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/PPGEA. Professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: ldolci@hotmail.com.

reality of the community when integrating the communicative interaction by the linguistic variations: reading, producing, writing and interpreting.

Keywords: Linguistic variation; Country School; Environmental Education.

Introdução

Para escrever sobre a variação linguística é necessário contextualizar o que é a escola do campo assim como, falar sobre a comunidade e da relação de pertencimento com eles assim como, da experiência como monitora. Além desses subsídios, foi proposta na disciplina: “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa para Crianças, Jovens e Adultos I”, no curso de Pedagogia Licenciatura ministrada por uma professora envolvida com as questões linguísticas. O trabalho investiga os desafios encontrados em uma sala de aula multisseriada numa escola do campo no interior do Município de Rio Grande/RS, tendo como objetivos compreender a variação linguística na escrita e na leitura das crianças e averiguar como o professor desenvolve as práticas de oralidade em sala de aula, proposta na disciplina.

A discussão que será apresentada teve como base a zona rural, as especificidades presentes em uma sala de aula multisseriada, com enfoque na reflexão de pertencer a esse espaço e compartilhar com os sujeitos dessa localidade, um diferencial para a coleta dos dados. Sendo assim, no primeiro subitem do artigo iremos contextualizar a escola do campo, seguido da proposta de trabalho desenvolvido a partir das leituras de textos discutidos em sala de aula, tendo em vista ser um assunto pertinente e atual para ser realizado com a comunidade escolar de uma escola rural. No terceiro subitem apresentaremos uma pesquisa bibliográfica que serviu de subsídio para analisar os dados coletados. Já, no último subitem iremos fazer uma análise dos dados coletados compreendidos nos períodos entre os anos de 2016 e 2017 onde, estabelecemos um diálogo com a Educação Ambiental Crítica (LOUREIRO, 2006).

As escolas do campo merecem e devem ser contempladas nas investigações, pois as diversidades desses espaços fazem e são necessárias para pensara relação entre a variação linguística com as crianças da escola do campo. Os desafios e as possibilidades a partir da variação linguística foram

investigados, sendo assim, pretendemos relatar as experiências vivenciadas em uma sala de aula multisseriada, principalmente (re)pensar os desafios que um professor encontra em uma escola do campo ao estar com as crianças.

Conhecendo a escola do campo e interagindo com a comunidade

Escrever esse relato de experiência é a possibilidade de entrelaçar a relação com a comunidade e a Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa para Crianças onde, aliamos com a experiência de monitoria. Ressaltamos que o papel era auxiliar o professor e acompanhar os alunos da turma, principalmente os que tinham mais dificuldade de aprendizado, na zona rural do município de Rio Grande/RS, podemos dizer que foi uma feliz junção. A monitoria foi realizada numa escola do município com 11 estudantes entre 6 até 13 anos de idade onde, atuava um único professor na época, atualmente, devido a morte dele a responsável pela turma é uma professora, que atende desde o primeiro ano até o quinto ano do ensino fundamental além, da escola ter uma merendeira. Vale mencionar que, o professor também era o diretor e o coordenador da escola, hoje é a professora que executa esses papéis. A seguir apresentamos a imagem da escola para que possam visualizara pequena estrutura física.

Figura 1 – Imagem da Escola Municipal



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Conhecer ao pertencer foi e fez a diferença para contextualizar a escola onde, utilizamos a metodologia do estudo do meio – Estudos Sociais para o

meio rural (LOPES; PONTUSCHKA, 2009), foram fundamentais para investigar as variações linguísticas através, da monitoria. Nesse contexto, é necessário um olhar mais atento para perceber os desafios de um professor único, mas, que precisa executar diversas tarefas ao exercer vários papéis na e com a comunidade durante o horário de aula. Como reforça Oliveira; Gómez:

Um reencontro de mediações de primeira ordem em seu valor de uso onde a escola teria um papel fundamental. Ambas as correntes nos ajudam a percorrer os caminhos materializados na proposta educativa que os movimentos sociais oferecem para o campo, onde a relação entre educação e trabalho, por meio da formação, se dê de forma plena e consorciada (OLIVEIRA; GÓMEZ, 2014, p.179).

Uma escola com sala de aula multisseriada costuma ter apenas uma sala de aula que atende todas as turmas neste ambiente. Na escola tem uma sala de aula para atender as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental sendo, do 1^a. ao 5^a. ano. Neste contexto, não podemos esquecer as famílias moradoras da comunidade, pois, podemos perceber que muitas alfabetizações já passaram pela escola, muitas gerações. Destes familiares muitos têm filhos que frequentam a mesma escola onde, estudaram. Ainda em formato multisseriada, na escola do campo onde o professor ministra aulas sendo, do primeiro e segundo ano pela manhã e à tarde as demais, sendo do terceiro ao quinto ano onde, é necessário construir diversos planos de aulas e executar ao mesmo tempo, o que exige um esforço maior para atender as necessidades específicas de cada criança ao ler, escrever, interpretar e produzir vindo ao encontro que as crianças escutam após, escrevem a partir das palavras, sendo os dois encontros conforme Santos:

Quando esses dois se encontram, o pensamento se torna verbal e a linguagem racional. Desse momento em diante a criança começa a perceber as funções da fala. A fala serve ao pensamento e o pensamento utiliza-se da fala. A criança cada vez mais necessita e utiliza as palavras, buscando compreender os signos, e esse processo configura-se como o nascedouro da função simbólica da palavra (SANTOS, 2008, p. 81).

Percebemos que, as crianças partem das palavras e a partir delas expressam suas expectativas ao escrever facilmente vão relacionando e assim, cada vez mais utilizam as palavras. De acordo com a proposta da disciplina: “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa para Crianças, Jovens e Adultos

l”, que teve como sugestão relacionar o preconceito linguístico nas práticas de salas de aulas a partir dos teóricos estudados no curso, foi assim que surgiu o entrelace da experiência como monitora ao compartilhar conhecimentos com a turma e a professora.

Com a experiência na monitoria, agregar conhecimentos sobre a realidade presente na sala de aula multisseriada e suas especificidades linguísticas foi uma possibilidade para pensar as práticas pedagógicas que são ambientais já que, a Educação Ambiental Crítica (LOUREIRO, 2006) mobiliza as atuações em sua totalidade de ações onde, contempla a escuta atenta, o olhar sobre as questões sociais, econômicas e políticas com e pelos condicionantes ambientais, emocionais com e pelas múltiplas linguagens dos alunos: “no entanto, a partir do trabalho de campo desenvolvido notamos uma mudança substancial da percepção dos alunos, que passaram a compreender, de forma mais abrangente” (ROSA, DI MAIO, 2018, p.21).

O professor multifacetado desafia-se inteiramente na arte de educar, buscando estratégias para alcançar as variações linguísticas com atividades que sejam capazes de experienciar habilidades indissociáveis como: ler, produzir, escrever e interpretar. As atividades devem ser construídas com as crianças por meio de estratégias lúdicas e que considerem as múltiplas linguagens. É esse professor que vive junto à comunidade, que tem como herança a cultura da vida do campo as quais buscamos defender. Para isso, utilizamos a metodologia do Estudo do Meio (LOPES; PONTUSCHKA, 2009), onde, menciona a necessidade de um olhar para as especificidades de uma turma multisseriada pelas atividades com as crianças.

A inserção realizada permitiu perceber que não basta o acesso à escola, o professor precisa auxiliar a(s) criança(s) a construir novos significados, utilizando a variedade linguística a partir da sua realidade local ao usufruir de situações interativas, comunicativas e dialógicas para que as crianças percebam que a variedade padrão deve ser aprendida para usar em situações tidas como modelo. Além disso, o professor precisa e deve estar sempre em permanente formação já que, necessitam conviver com a realidade do campo, tendo a oportunidade de questionar a maneira como uma sala de aula multisseriada funciona assim, o professor precisa assumir esse desafio e ministrar aulas para várias crianças com idades diferentes além, do ano numa

única sala de aula onde, o quadro é dividido assim como, as turmas ficam divididas no mesmo ambiente.

Proposta ao articular variação linguística e escola do campo: pesquisa bibliográfica

Atualmente, existem discussões com frequência acerca das variações linguísticas especialmente, neste artigo chamamos a atenção para as variações linguísticas numa escola do campo. É na educação do campo que o modo de agir, falar e pensar das crianças deve contribuir para a formação deles no ensino fundamental especificamente, partindo da realidade das crianças e das especificidades presentes numa turma multisseriada. Conseqüentemente, questionamentos com preconceitos linguísticos escolares norteiam alguns artigos que contribuíram para e com essa escrita sendo elas, a obra: *Variações Linguísticas e a Formação de Docentes das Séries Iniciais do Ensino Fundamental* (VALENTIM; SILVEIRA, 2015); *Gramática e interação* (TRAVAGLIA, 2002); *Língua, texto e ensino outra escola possível* (ANTUNES, 2009). É de conhecimento geral que as variações linguísticas estão presentes tanto nas escolas do campo como nas escolas dos centros urbanos. Ao contrário do que muitos acreditam ainda é visto nas salas de aula muitos professores despreparados para tal realidade.

Contudo, podemos ver que há uma resistência para a formação quanto ao assunto. Os profissionais que atuam na educação do campo são atentos aos desafios a serem enfrentados, pois eles precisam considerar as escolas do campo como uma área a ser trabalhada a partir da realidade local. Porém, quase não se comenta sobre essa realidade sendo, necessário que as crianças do campo tenham os mesmos direitos que as demais crianças, ou seja, direito a educação, direito ao respeito e a igualdade da educação (BRASIL, 1996).

Estudiosos como Valentim; Silveira (2015); Antunes (2009) propõem que o diálogo entre e com a comunidade para que os preceitos linguísticos sejam construídos em comunicação e interação sejam efetivos. A linguagem homogênea e uniforme muitas vezes, não está presente na zona rural, contudo, o professor que está inserido nessas escolas deve ter comprometimento com o grupo e suas características a fim de trabalhar as variações linguísticas, não que seja para uma mudança radical nas crianças,

mas, uma prática com respeito à língua materna, a cultura local, seu meio, suas relações do dia a dia, considerando que a criança do campo tem especificidades. Loureiro, (2006) destaca que a reflexão a respeito do problema ambiental sem estar articulada com a contextualização social, cultural, histórica, política, ideológica e econômica resulta na reprodução de uma visão de mundo dualista, que dissocia as dimensões sociais e naturais.

A degradação ambiental é resultante de um complexo interativo de fatores econômicos, políticos, tecnológicos e culturais. A dinâmica capitalista é a base dessa degradação qualificada pela urbanização, pelo industrialismo e pelo modelo antropocêntrico. “(...) A ação ambientalista será mais fecunda se incorporar, simultaneamente, a prática de democratização da sociedade e de busca de concretização de um projeto social, político, econômico e cultural alternativo ao capitalismo” (LOUREIRO, 2006, p. 46). Sendo assim, cada vez menos temos escolas do campo.

A escola do campo, raramente tem sido objeto de pesquisa entre os acadêmicos (SANTOS, 2008). Outra característica precária são as políticas públicas voltadas para a Educação do Campo, para as escolas rurais. Acreditamos que as razões possam ser várias, mas, talvez a difícil localização das escolas rurais seja uma das causas, as estradas que dão acesso à comunidade deste contexto compartilhado retratam e nos fazem pensar que, este fato venha a colaborar para a baixa procura de crianças nas localidades rurais outro fato que, merece atenção é para a formação dos professores de turmas multisseriadas. Ainda precisamos alertar para uma grande preocupação da comunidade rural, o fechamento das escolas rurais e a migração das crianças para escolas da cidade, desconsiderando seus espaços, os direitos, a identidade e a autonomia que os alunos buscam na educação, conforme garante a Lei de Diretrizes e Bases, quando apresenta que os conteúdos curriculares e as metodologias devem ser apropriados às reais necessidades e interesses das crianças da zona rural (BRASIL, 1996).

A metodologia para trabalhar com a educação rural deve ser baseada numa constante ação e reflexão da realidade local e pelas preferências das crianças. Freire (2005) nos traz a observação de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar tais condições que seja possível que ocorra. Ou seja, o professor usa o recurso que tem disponível para que o aluno reflita, trabalhe

e adquira conhecimento. Ainda convém lembrar que alguns professores da zona rural tendem a ensinar apenas a variedade linguística padrão o que desconsidera as demais variedades, ou seja, divide a realidade da criança com atividades descontextualizadas, isoladas e que pouco acrescentam em seu conhecimento, perdendo a oportunidade de oferecer as crianças a língua de maneira a não desprezar seu dialeto.

As dificuldades que não são problematizadas viram uma educação bancária (educação antidialógica), (FREIRE, 2005) para ser crítica (Educação Dialógica) é necessário discutir, precisamos ser firmes para defender o que acreditamos. Toda a argumentação sobre a Educação Ambiental precisa ser fonte inesgotável de buscas coletivas, enquanto práxis sociais que visa estabelecer ações dialógicas entre/com a comunidade para que se sintam protagonistas de seus atos, onde:

Ao pensarmos alternativas metodológicas na educação ambiental não podemos nos esquecer que em muitos casos o mais importante não é o conhecimento científico e/ou a resolução do problema técnico enfrentado, mas, sim a forma como nos relacionamos com ele. Que tipo de conhecimentos e de saberes mobilizamos nesta relação: que métodos didáticos, pedagógicos e metodológicos empregamos. É desta metodologia de abordagem que, em muitos casos, pode resultar uma relação mais ou menos ecológica na produção de conhecimento (BARCELOS, 2012, p. 64).

A citação acima mobiliza pensar estratégias pelo fazer com o aluno e, assim ele se sinta e seja parte evitando assim que, mesmo que indiretamente os professores possam contribuir para a baixa autoestima das crianças, como Freire (2005) sugere a autoestima deve ser trabalhada pelos professores buscando uma conscientização da situação real de seus educandos, visto que essa emoção colabora muito com a permanência dessas crianças nas escolas. Um professor que busca qualidade de ensino para as crianças, vai ser um mediador, vai buscar criar vínculos afetivos e isso é o que impulsiona a criança a continuar estudando na zona rural (SANTOS, 2008).

E, ainda, acreditamos que um professor que respeita a língua materna das crianças, não pratica o preconceito linguístico, instiga a segurança em meio a tantos desafios, tornando-se o mediador nas escolas do campo. No que tange as variações linguísticas os professores precisam levar em conta que elas acontecem nas relações humanas, como afirma Marcos Bagno:

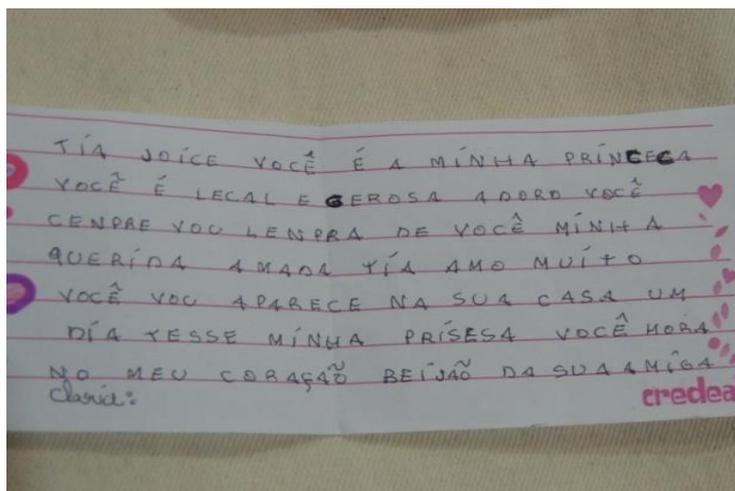
A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes: também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 2007, p.16)

A criança que está acolhida na escola, que participa à vontade das falas sem sofrer correções dos professores, consegue fazer naturalmente a reflexão de que sua forma de falar é diferente dos demais, embora pareça que isso aconteça nas salas de aula de nosso vasto Brasil, muitas vezes o que vimos não é essa realidade. Sendo assim, estudos afirmam que o preconceito que crianças sofrem quanto a sua forma de expressão ainda é muito grande. Para isso as contribuições dos artigos de Antunes (2009), Travaglia (2009); Valentim; Silveira (2015) quando explicitam a importância de trabalhar a temática em sala de aula com seus alunos de forma que eles não sofram preconceitos e assim, não tenham comprometimentos linguísticos.

Análise dos dados

Tendo em vista, a inserção enquanto monitora para a realização da investigação proposta na disciplina, anteriormente referida, analisando e partindo da realidade da própria comunidade, conseguimos acompanhar as produções das crianças, assim como as habilidades: ler, produzir, escrever e interpretar. Citamos um fato que merece destaque, acompanhamos o texto espontâneo de uma criança do terceiro ano da escola rural. Convidamos vocês a lerem o trecho a seguir:

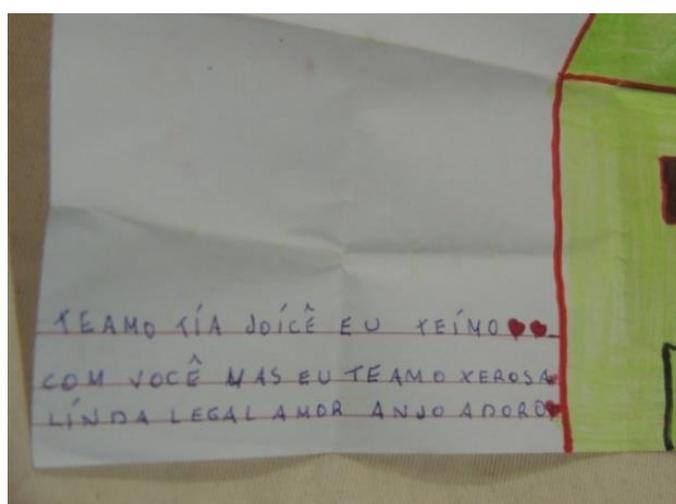
Figura 2 – Trecho escrito pela Clarice



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Clarice⁴, aluna do terceiro ano, repetente, escreve cartas com frequência aos professores e colegas, nesse caso a aluna tenta corrigir a si mesma. Embora fique claro das dúvidas que ela apresenta e das tentativas em escrever corretamente. Sendo assim, Clarice continua trocando as letras por outras que ainda não estão em concordância com a variação linguística padrão, não percebendo algumas trocas de letras, como por exemplo: “*lecal; gerosa; cempre; lempra; tesse; pricesa*” que, por duas vezes escreve diferente da ortografia padrão. Depois de sete meses a Clarice escreveu outra carta a monitora, leiam a seguir:

Figura 3 – Trecho escrito pela Clarice



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

⁴ Serão utilizados nomes fictícios para preservar a identidade das crianças. Vale mencionar que, as crianças foram consultadas e aceitaram participar da proposta.

A aluna Clarice está progredindo, percebemos que algumas palavras ela conseguiu compreender como se escreve corretamente, as cartas têm sete meses de diferença entre uma escrita e a outra, observem as palavras: “*xerosa; legal*” embora ainda não tenha chegado à norma correta da escrita da palavra cheirosa, ela percebe que o som do “X” é bem diferente do “G” que escreveu na carta anterior “*gerosa*” e o “*lega*” sendo assim, a Clarice conseguiu perceber que é com “G”.

Observamos atividades na sala de aula da escola do campo com o intuito de compreender como é trabalhada a variação linguística na área rural do Município de Rio Grande/RS. Durante o período de 2016 até 2017 onde, constatamos que os alunos praticam o preconceito linguístico e que sem perceber o professor também. Na medida em que o professor se preocupa demasiadamente com o vocabulário dos alunos pode acabar fazendo com que o aluno tenha medo de escrever, ler, interpretar e produzir pelo medo de errar conforme alerta Travaglia (2002) as regras em demasia e o formalismo pode acabar descartando a variedade linguística.

A preocupação do professor em apressar seu aluno a forma culta/padrão o que, em alguns momentos observamos que acabou travando alguns alunos. O diálogo com a língua materna ao interagir com e a partir do meio cultural e social onde, a escola se encontra é fator determinante para as aprendizagens (TRAVAGLIA, 2002). Sendo assim, muito mais do que a pressa pela escrita correta, é necessário que o professor da escola do campo faça um levantamento acerca das especificidades e da realidade dos alunos antes de considerar sua fala materna um *erro*. Em contrapartida, é importante salientar que muitos alunos da escola do campo sofrem pressão ao fazer uma leitura ou até mesmo um simples diálogo, pelos próprios alunos, infelizmente, até mesmo pelo professor. Alunos que sofrem preconceitos linguísticos tendem a ficar envergonhados e repudiar a leitura em público, pois consideram sua leitura vergonhosa.

Através do presente trabalho podemos verificar que o preconceito e a variação linguística estão presentes nessa escola rural e que, em alguns casos o professor mediador não consegue trabalhar naturalmente e acaba deixando os alunos apreensivos. Um fato que colabora é que este professor acaba tendo que atender várias faixas etárias ao mesmo tempo e, talvez pela preocupação

em atender a norma culta da língua acabem tentando apressar. Cabe ao professor mediar o conhecimento de uma língua culta de modo que o aluno reflita sobre suas práticas. O que ocorre e esperamos é que seja investido na formação do professor do campo. A função do professor é tornar o aluno crítico e conhecedor das demais variações linguísticas, apresentando a seus alunos artefatos, gêneros textuais, bem como inserir nas escolas rurais novos mecanismos de comunicação tendo em vista, o uso das novas tecnologias a qual faz parte da maioria das residências rurais, mas, ainda não chegou à realidade escolar.

O uso de artefatos em sala de aula como, por exemplo: o vídeo, possibilita a sensibilização dos alunos, contribuindo para momentos de reflexão além de, estimular a criatividade. Usar este recurso na sala de aula propõe uma aula mais lúdica, animada e criativa. Cabe ao professor usar a mídia, um objeto atual e que os alunos precisam ter acesso no ambiente escolar inserindo, assim, conteúdo de uma forma que o professor seja mediador e não transmissor. Nesse sentido, as tecnologias devem oportunizar aulas com possibilidades de reflexões e criticidade.

Iremos apresentar algumas práticas que foram desenvolvidas tendo em vista que, o professor inseriu vídeos para dialogar com as crianças. Com o uso de vídeo na sala de aula, destacamos um filme: o Bom Gigante Amigo de Steven Spielberg (2016) onde, foi feito um planejamento bem elaborado. O professor aproveitou que era um filme atual e pertinente para trabalhar a variação linguística. O filme sendo, de fato uma ferramenta pedagógica possibilitou a compreensão e a reflexão sobre o assunto ao qual se refere o artigo, mas, foi muito mais, pois, mobilizou as crianças a pensarem sobre os preceitos linguísticos. Após assistir ao filme, a proposta foi explorar o assunto por meio de uma roda de conversa.

Um aluno da escola do campo que chega à sala de aula falando diferente dos demais também, pode se sentir deslocado, com medo de falar. Sendo assim, trabalhar os significados das palavras em dicionários pode ajudar o aluno a perceber que algumas palavras são tidas como “erradas” já que, não fazem parte do dicionário. Esta temática foi explorada na roda de conversa.

Por falar em partir da realidade dos alunos outra realidade que faz e é parte das aulas na escola do campo é que, as crianças podem e aproveitam os

elementos da natureza para vivenciar as aprendizagens. Enfim, para fazer o diálogo com a Educação Ambiental (EA) não que as demais experiências não fossem e fizessem parte da EA, mas, acreditamos que um exemplo observado não possa deixar de estar presente no artigo, além disso, não podemos deixar de escrever o fragmento a seguir: “para as crianças a natureza se mostra de muitas maneiras: um bezerro recém-nascido; um animal de estimação que vive e morre; uma trilha de chão batido em meio às árvores; uma cabana aninhada em urtigas (...)” (LOUV, 2016, p. 29).

O fragmento veio ao encontro do exemplo que acompanhamos no período de monitoria, uma saída de campo a um sítio vizinho em busca de “seres vivos”, sem deixar de pensar os não vivos também. Nesse caso, durante a caminhada até o sítio teve muito diálogo entre e com a turma além, do fato de listarem nomes de seres vivos observados, também o professor criou outra forma de trabalhar a oralidade e a escrita, enquanto uns diziam o nome dos animais outros anotavam. Com esse exercício, eles corrigiam, questionavam a forma correta da escrita e ajudavam nas considerações já que, alguns alunos estavam no começo da alfabetização. Não poderíamos deixar de mencionar as brincadeiras e os jogos que são tão comuns nas escolas do campo entre todos, independentemente da idade e do gênero, o que facilita o acesso dos menores a variação linguística, ampliando o vocabulário dos pequenos, de forma que eles nem percebem, mas, estão brincando e aprendendo.

Considerações Finais

Considerando os entrelaçamentos com a Educação Ambiental, o comprometimento do professor com uma proposta de educação de qualidade nas escolas do campo, da experiência como Monitora e pela proposta disponibilizada pela disciplina: “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa para Crianças, Jovens e Adultos I” conseguimos conversar com as crianças ao compartilhar conhecimentos pela e com a convivência, assim, compreendendo os preceitos linguísticos.

É necessário reconhecer a capacidade de identificar as várias formas das crianças realizarem a(s) leitura(s) do mundo antes mesmo deles reconhecerem as palavras propriamente escritas, já que eles estão praticando o preconceito linguístico ao conversar. Talvez, constranger quem traz de casa

uma linguagem diferente, pode acabar comprometendo as habilidades em ler, escrever, produzir e interpretar. Por isso, mencionamos que o professor precisa refletir e transformar a todo instante sua prática assim, ela deve ser significativa e contemplar a diversidade e as especificidades presentes nas escolas do campo.

Na experiência da monitoria, podemos perceber que somar conhecimentos sobre a realidade presente na sala de aula multisseriada, isso possibilita (re)pensar algumas práticas pedagógicas por estar em contato direto com a vida das escolas do campo. Estar junto a uma turma de escola do campo e poder falar sobre essa experiência enquanto aluna do curso de Pedagogia, contribui de forma significativa a quem se interessa pela educação.

Ao apresentar este trabalho proposto pela disciplina “Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa para Crianças, Jovens e Adultos I”, unido a minha relação com a comunidade local ao qual faço parte, defendemos a existência de pertencimento. Isso resulta em trabalhos que tem o objetivo de divulgar relatos assim como este, aliando escola e vida do campo a saberes acadêmicos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 08 jul. 2018.

BAGNO, Magno. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 48ª e 49ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**/ Valdo Barcelos. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 119p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Revista Geografia (Londrina)** v.18, n. 2, 2009. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/561488/mod_resource/content/1/estudo%](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/561488/mod_resource/content/1/estudo%20do%20meio.pdf)

[20do%20meio.pdf](#)>. Acesso em: 18 ago. 2018.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza- resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**/Richard Louv: Tradução Alyne Azuma, Claudia Belhassof. 1 ed. – São Paulo: Aquariana, 2016.

SPIELBERG, S. **The Movie**. O Bom Gigante Amigo, diretor Steven Spielberg, produtor Roald Dahl, Estados Unidos, Índia, 28 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-197814/>>. Acesso: 10 set. 2018.

OLIVEIRA, Mara Edilara de Oliveira; GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. A educação do campo no contexto do modelo de desenvolvimento rural no brasil: o princípio educativo do trabalho como alternativa. **Revista Pegada** – vol. 15 n.1. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/2671/2628>. Acesso: 26 ago. 2018.

ROSA, Peter da Silva; DI MAIO, Angelica Carvalho. A importância do trabalho de campo para a educação ambiental: experiência realizada com alunos do ensino médio no ecossistema manguezal. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 35, n. 1, p.21-41, jan./abr.2018. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7331/5180>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SANTOS, Felipe dos Santos. **Relações de saberes e relações intersubjetivas: contribuições da educação ambiental na construção de conhecimentos significativos na sala de aula da escola do campo**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental- PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2221/Felipe%20Alonso%20dos%20Santos.pdf?sequence=1>>. Acesso: 17 ago. 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1ª. e 2ª. Grau**. Editora: Cortez, 2002. 245 p.

VALENTIM, Michele Coelho; SILVEIRA, Vitor Luiz. Variações linguísticas e a formação de docentes das séries iniciais do ensino fundamental. **E-escrita Revista do Curso de Letras** da UNIABEU Nilópolis, v.6, Número 2, maio-agosto, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Eli/Downloads/1717-7472-1-PB.pdf>. Acesso: 17 ago. 2018.